



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE SARTRE – DA CIÊNCIA À LIBERDADE

SARTRE'S EXISTENTIAL PHILOSOPHY – FROM SCIENCE TO FREEDOM

LA EKZISTENTA FILOZOFIO DE SARTRE - DE LA SCIENCO AL LA LIBERECO

Bruno Silva de Carvalho²⁰

Resumo

Este artigo corresponde a uma pesquisa cujo objetivo consiste em averiguar, através da ontologia sartriana, o desvelar do fenômeno em seu sentido pleno. Após este momento inicial, é possível compreender como Sartre aborda as reflexões científicas desenvolvidas por Pierre Duhem e Henri Poincaré e as utiliza para exemplificar o surgimento do ser. Em seguida, tomando por base o conceito de consciência, há um esforço para visualizar o processo de nadificação, o papel que ele desempenha e, por fim, como a liberdade é a condição necessária para seu nascimento.

Palavras-chave: Ontologia, fenômeno, científicas, nadificação, sartriana.

Abstract

This article corresponds to research whose aim consists of investigating, through sartrian ontology, the unveiling of the phenomenon in its full way. After this initial moment, it is possible to understand how Sartre approaches the scientific thoughts developed by Pierre Duhem and Henri Poincaré and uses them to exemplify the emergence of being. Then, based on the concept of consciousness, there is an effort to visualise the process of annihilation, the role that this process plays and, finally, how freedom is the necessary condition for its birth.

Keywords: Ontology; phenomenon; scientific; annihilation; sartrian.

Resumo

Tiu ĉi artikolo respondas al esploro, kies celo estas kontroli, per la sartreana ontologio, la malkovron de la fenomeno en ĝia plena signifo. Post ĉi tiu komenca momento, eblas kompreni kiel Sartre aliras la sciencajn pripensojn evoluigitajn de Pierre Duhem kaj Henri Poincaré kaj uzas ilin por ekzempli la aperon de la estaĵo. Tiam, surbaze de la

²⁰ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), possui especialização em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e, atualmente, é discente do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGFIL / UFSJ). Dedicar-se ao estudo de problemas filosóficos ligados à fenomenologia, sobretudo no que diz respeito ao pensamento de Jean-Paul Sartre. Além disso, é membro de Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Existencialismo, indexado pelo CNPq e alocado sob direção do Professor Luciano Donizetti da Silva (UFJF). ORCID: 0000-0001-8420-8156



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

koncepto de konscio, estas klopodo bildigi la procezon de neniigo, la rolon kiun ĝi ludas kaj, fine, kiel libereco estas la necesa kondiĉo por ĝia naskiĝo.

Ŝlosilvortoj: Ontologio. Fenomeno. Scienca. Neniigo. Sartriano.

Introdução

No decorrer dos séculos, ficou claro que o discurso filosófico sempre abrangeu diversas áreas do pensamento humano e, por assim dizer, com a ciência e a metafísica não foram diferentes. Ora, a tradição grega em seu modelo mais básico, representada pela corrente pré-socrática, se esforçou para desenvolver uma modalidade de compreensão do cosmos que não estivesse fundamentada nas limitações da perspectiva mítica, disponível até então. Já nesse momento, o raciocínio metafísico-filosófico se mistura com apontamentos de caráter científico e não é à toa que esses indivíduos ficaram conhecidos como *naturalistas*.

A filosofia grega parece ter início com uma ideia inconsistente, com a sentença de que a água é a origem e como que o útero materno de todas as coisas: é mesmo necessário deter-se aí com calma e tomar isso a sério? Sim, e por três motivos: primeiro, porque a sentença enuncia algo a respeito da origem das coisas, e, segundo, porque ela o faz sem imagem e fabulação; e por fim, em terceiro lugar, porque nela está contido, ainda que em estado embrionário, o seguinte pensamento: tudo é um. O primeiro motivo mencionado ainda deixa Tales em companhia dos religiosos e supersticiosos, mas já o segundo retira-o de tal companhia e se nos apresenta como investigador da natureza [...] (NIETZSCHE, 2008, p. 43).

Mesmo com o desenvolvimento do pensamento ocidental, após mais de dois milênios, o fator científico continua a se apresentar misturado ao filosófico. Todavia, isso não quer dizer que um possua mais valor do que o outro; na verdade, ambos permitem a compreensão de vieses que, se vistos apenas sob um ângulo, não se firmam com tamanha clareza. Assim, por exemplo, ao mesmo tempo em que Galileu avançava seus estudos relacionados à queda livre, admitia filosoficamente que a realidade estava inscrita em caracteres matemáticos e fazia ressoar o pitagorismo já em ares onde a modernidade se anunciava.

No entanto, o filósofo e matemático Edmund Husserl (1859-1938) chama atenção para uma crise que solapou as ciências europeias. Contudo, é importante mencionar que tal crise não se limitou ao campo epistemológico e é, antes de tudo, uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

crise de fundo existencial. Além disso, evidenciada pela forte tendência de ampliação do cientificismo europeu e da modernização das demais culturas, a crise não se restringe à Europa e transforma-se numa crise da humanidade. Portanto,

a exclusividade com que, na segunda metade do século XIX, toda a visão de mundo do homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivas, e cegar pela ‘*prosperity*’ a elas devida, significou um virar as costas indiferente às questões que são as decisivas para uma humanidade genuína. Meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos (HUSSERL, 2012, p. 03).

Em meio a essa crise identificada nas reflexões husserlianas é que se encaixa a proposta deste trabalho; ou seja, nos esforçaremos para compreender parte dos apontamentos ensejados por Pierre Duhem e Henri Poincaré a respeito da ideia de fenômeno, reflexões tais sugeridas pelo próprio viés sartriano. Seguindo essa perspectiva, através da ontologia fenomenológica de Sartre, nos propomos a salientar como o ponto de vista duhemiano, divergente daquele defendido por Poincaré, abre espaço para que se retome as bases para o aspecto existencial perdido pela ciência e ainda se fundamente a possibilidade de uma filosofia da liberdade.

Em busca do ser

A proposta filosófica consolidada a partir de Sartre é marcada pela presença de um forte humanismo. Todavia, não se trata de uma postura semelhante àquela já encontrada na Renascença; ou seja, depara-se aqui, ao mesmo tempo, com uma tentativa de localizar na existência humana tudo que lhe causa horror e buscar nela mesma as chaves que permitem enfrentá-la em seu modo próprio de ser. Assim, as características que permitem ao homem escapar de si mesmo precisam ser superadas e ocorre, instantaneamente, sua reassunção.

Sartre é herdeiro de uma tradição que se esforça para retirar das costas do homem o peso trazido pela metafísica ingênua e que, por conseguinte, se debate ferozmente no intuito de limpar o terreno para que uma nova modalidade seja fundada. Nessa conjuntura, conseguiremos observar fortes traços da fenomenologia de Husserl e Heidegger (1889-1976). Por outro lado, isso não quer dizer que as diferenças entre eles



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sejam pequenas ou inexistentes; na verdade, a ontologia sartriana apoia-se nesses mestres e igualmente remodela parte dos conceitos por eles estabelecidos. Apesar das diferenças serem notáveis, não faz parte do presente trabalho dar voz a cada uma delas.

Seguindo essa trajetória, Sartre ressalta que o pensamento moderno conseguiu eliminar uma série de dualismos que, durante séculos, invadiu a discussão filosófica. Nessa toada, é lícito citar diversos exemplos, tais como: em Aristóteles, ato e potência; em Platão, essência e aparência; em Kant, noumeno e fenômeno etc. Em adição a isso, o resultado dessa quebra de paradigma faz com que a manifestação do fenômeno ocorra através de um desvelamento absoluto e não se limite ao ser que se esconde por detrás das aparências.

Certo é que se eliminou em primeiro lugar esse dualismo que no existente opõe o interior ao exterior. Não há mais um exterior do existente, se por isso entendemos uma pele superficial que dissimulasse ao olhar a verdadeira natureza do objeto. Também não existe, por sua vez, essa verdadeira natureza, caso deva ser a realidade secreta da coisa, que podemos pressentir ou supor, mas jamais alcançar, por ser “interior” ao objeto considerado. As aparições que manifestam o existente não são interiores nem exteriores: equivalem-se entre si, remetem todas as outras aparições e nenhuma é privilegiada (SARTRE, 2012, p. 15).

A consequência imediata oriunda do fato de a aparência só remeter a ela mesma significa que o ser que aparece é único e plenamente positivo. Em outras palavras, o ser, em seu sentido absoluto, apenas é. Em razão disso, há espaço suficiente para se evitar que a ocultação do ser pelo fenômeno impossibilite qualquer discurso claro a seu respeito e, acima de tudo, serve para suprimir certo tom de um medievalismo místico e idealismo que, até então, o envolvia. Portanto, pela supressão dessas confusas realidades noumênicas “vir-se-ia a estabelecer o ‘monismo do fenômeno’” (BORNHEIM, 2011, p. 27).

É exatamente neste momento, ao deixar claro o monismo do fenômeno, que surge uma das críticas de Sartre envolvendo a ciência, crítica tal que é pouca comentada e compreendida. Debruçando-se sobre o mencionado assunto, verifica-se que há uma espécie de comparação entre aquilo que fora salientado por Duhem e Poincaré e nos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cabe agora compreender sob qual aspecto a visão científica desses indivíduos se relaciona com a ontologia sartriana²¹. Quanto a isso, note-se o seguinte:

A essência de um existente já não é mais uma virtude embutida no seio deste existente: é a lei manifesta que preside a sucessão de suas aparições, é a razão da série. Ao nominalismo de Poincaré, que definia uma realidade física (a corrente elétrica, por exemplo) como a soma de suas diversas manifestações, Duhem opunha, com razão, sua própria teoria, segundo a qual o conceito é a *unidade sintética* dessas manifestações (SARTRE, 2012, p. 16).

Para que haja a mínima possibilidade de visualizar sob qual perspectiva Sartre menciona esses filósofos da ciência, é de igual importância lembrar que tal menção surge à medida em que a ontologia sartriana fundamenta o desvelar único e sem intermediários do fenômeno. Seguindo essa trajetória, por razões didáticas, é muito mais proveitoso avaliar um pouco do pensamento de Pierre Duhem e, posteriormente, aquilo que nos ensina Poincaré.

Os escritos de Duhem deixam transparecer, de modo claro, que sua preocupação gira em torno de analisar o método científico em suas múltiplas nuances e, além disso, salvaguardar aquilo que é científico e, por outro lado, metafísico. Pode parecer pouco peculiar para um cientista, mas Duhem, ao modo do cientificismo radical, não desacreditou a metafísica como algo que não traria acréscimos ao discurso filosófico; na verdade, sua intenção sempre foi a de deixar ambos os campos em seus respectivos limites²². Assim, a proposta Duhemiana apresenta uma visão instrumentalista da teoria,

²¹ No transcurso dos escritos de Sartre, é comum perceber que há menção a diversos autores, não se limitando ao campo filosófico. Se Sartre os critica ou apoia, tudo se desenrola tendo em vista exemplificar seu modo próprio de enxergar a ontologia. Por isso, de um lado, há o surgimento de uma ontologia original, de outro, a lembrança de que seus traços sempre estiveram presentes no horizonte humano e, como tal, não devem ser mantidos em segundo plano.

²² A postura argumentativa de Ernst Mach, por exemplo, pode ser observada como uma daquelas em que a tendência metafísica não possui grande validade. Para o autor, a ciência deve ser vista como a mais completa apresentação de fatos e, ao mesmo tempo, com o maior ganho econômico de pensamento. Desse modo, o cientista pode aproveitar raciocínios desenvolvidos por outros pesquisadores que, de certa forma, servem como uma espécie de atalho para a completude de seu trabalho atual. O próprio Mach nos lembra o seguinte: “A ciência, por si mesma, portanto, deve ser considerada como um problema mínimo, consistindo da mais completa apresentação possível de fatos e com o menor gasto possível de pensamento” (MACH, 2013, p. 490, tradução nossa). Interessante notar, nesse caso, que o pensamento heideggeriano já havia percebido certo desprezo, por parte da ciência, quanto à metafísica. Assim, em termos objetivos, tal como ressoa nos escritos de Mach, a base ontológica nos adverte que “a ciência nada quer saber do nada. Esta é afinal a rigorosa concepção científica do nada. Dele sabemos, enquanto dele,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

baseada em critérios que podemos julgar de acordo com as ferramentas disponíveis em um dado momento. Portanto, tendo em vista esse caráter de divisão do âmbito científico e metafísico, Duhem nos recorda que “se o físico procura em suas teorias uma explicação das leis da natureza, só poderá aceitar como satisfatória uma teoria conforme com suas ideias metafísicas” (DUHEM, 2019, p. 94).

No entanto, não nos afastemos do objetivo proposto e nos esforcemos para compreender sob qual aspecto se dá o elogio de Sartre a Duhem, tendo em vista o monismo do fenômeno. Pois bem, a argumentação que podemos contemplar na obra duhemiana nos permite visualizar aquilo que ficou conhecido como holismo epistemológico. Nesse quesito, é plausível verificar a existência de dois tipos de holismo: o primeiro é chamado de holismo confirmacional e admite a impossibilidade de se testar uma hipótese isoladamente, apenas sendo viável através de um conjunto. Por sua vez, o segundo tipo, denominado de holismo semântico, admite que cada parte do complexo, isolada do conjunto, perde seu significado e nada mais representa. Conforme ele nos explica,

um físico propõe-se a demonstrar a inexatidão de uma proposição. Para deduzir dessa proposição a previsão de um fenômeno, para instituir a experiência que deve mostrar se esse fenômeno se produz ou não se produziu, para interpretar os resultados dessa experiência e constatar que o fenômeno previsto não se produziu, ele não se limita a fazer uso da proposição em litígio; ele emprega ainda todo um conjunto de teorias, admitidas por ele sem contestação (DUHEM, 2019, p. 176).

Tendo por parâmetro o ponto de vista esboçado por Duhem acerca da validação das teorias científicas, fica mais claro perceber que o holismo científico é tomado como exemplo tendo em vista a finalidade de demonstrar o sentido único da manifestação do fenômeno. Dizendo de outra forma, do mesmo modo como a investigação científica é sustentada por um complexo teórico que se arranja como um todo, o fenômeno, em seu viés ontológico-fenomenológico indica a si mesmo no horizonte do ser, de modo

do nada, nada queremos saber” (HEIDEGGER, 2008, p. 116). Portanto, o ethos da ciência, enquanto questão de fatos, apenas determina o nada como aquele conceito vazio e que, por conseguinte, nada pode contribuir ao enriquecimento das reflexões que buscam conhecer o indivíduo em seu modo de vivenciar a realidade, como ser-no-mundo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

absoluto e sem intermediários. Em suma, o ser é a condição de todo e qualquer desvelamento.

Parte de nossa meta está concluída. Agora, precisamos explorar qual o sentido da crítica de Sartre endereçada a Poincaré e, além disso, qual o motivo de tê-lo qualificado de nominalista. De fato, como veremos, a crítica que parece ser dupla irá se desvanecer e consolidar-se como apenas uma, tendo por fundo a confusão em torno da manifestação fenomênica e da maneira como é possível exercer sua interpretação.

A perspectiva defendida por Poincaré salienta que é necessário transformar fenômenos complexos em fenômenos elementares. Isso explica, por exemplo, a necessidade de a Física prescindir de certa matematização; ou seja, devido ao grande número de fenômenos naturais, decomposto de fenômenos complexos, “a matemática nos ensina a combinar semelhantes” (POINCARÉ, 1988, p. 125).

No entanto, o que aqui nos chama a atenção diz respeito ao fato de Poincaré sustentar suas análises científicas tendo em vista a decomposição do fenômeno geral. Não corresponde ao nosso objetivo dizer se tal método é melhor ou pior para a ciência; na verdade, nossa proposta se limita a verificar de que maneira e por qual motivo Sartre o critica. Sendo assim, em consonância com aquilo que Poincaré nos apresenta, vê-se

que os esforços dos sábios sempre foram no sentido de converter o fenômeno complexo dado diretamente pela experiência em um número muito grande de fenômenos elementares [...] o conhecimento do fato elementar nos permite colocar o problema em forma de equação. Resta-nos deduzir dela, por combinação, o fato complexo observável e verificável (POINCARÉ, 1988, pp. 122 / 125).

Neste exato momento, ao comparar Poincaré com Sartre, nota-se que a decomposição do fenômeno bruto em fenômenos elementares serve, ontologicamente, para mascarar a manifestação do ser. Mais uma vez, há a precisão de se enfatizar que o que aqui está em jogo não diz respeito à qualificação de um método científico, mas apenas sua comparação com o fenômeno de aparição do ser. Não é difícil salientar que a análise que se dedica ao âmbito do cientificismo, por sua origem, se diferencia da proposta existencial; porém, como já foi mencionado, o objetivo consiste tão somente



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em entender o que levou Sartre a utilizar Duhem e Poincaré no intuito de explicar sua ontogênese.

Ainda na seara da crítica a Poincaré, Sartre o qualifica como nominalista. De fato, seu nominalismo inicia-se com a constatação de que tudo que o cientista cria é a linguagem para comunicar em fatos científicos aquilo que ele percebeu em suas observações. Assim, o arranjo nominalista se constrói através do momento em que, diante da impossibilidade de se verificar factual e exatamente uma teoria expressa pela linguagem, estabelece-se certo tipo de convenção elaborada unicamente pelo pesquisador. Em consequência disso, a adoção de um juízo aproximativo faz com que o critério de verdade se perca e permite ao cientista apoiar-se numa postura de maior comodismo em relação àquilo que se investiga. Portanto, “a atitude nominalista só é justificada quando é cômoda” (POINCARÉ, 1995, p. 152)²³.

Diante do que acabamos de expor, nota-se que a aparência só remete a ela mesma. Em termos gerais, podemos dizer que o fenômeno é a manifestação possível de tudo que se pode manifestar e, de forma alguma, há uma realidade por detrás que esconda qualquer tipo de núcleo, essência ou natureza. No entanto, após eliminar o dualismo da aparência e da essência, surge o dualismo do finito e do infinito. Essa nova perspectiva ocorre porque um fenômeno não pode ser reduzido a uma série limitada de manifestações, visto que há uma relação com um sujeito em constante mudança.

O existente, com efeito, não pode ser reduzido a uma série *finita* de manifestações, porque cada uma delas é uma relação com um sujeito em perpétua mudança [...] somente o fato de tratar-se aqui de um *sujeito* implica a possibilidade de multiplicar os pontos de vista sobre esta *Abschattung*²⁴. É o bastante para multiplicar ao infinito a *Abschattung* considerada (SARTRE, 2012, p. 17).

²³ As reflexões ensejadas por Pierre Duhem e Henri Poincaré são bastante profundas. Tudo que aqui fora apresentado não visa, de modo algum, esgotar a riqueza de suas análises. Na verdade, houve apenas um recorte temático que possibilitou enxergar o modo pelo qual Sartre cita os dois pensadores e os utiliza como exemplificações a fim de tornar mais esclarecedor seu projeto de gênese do ser através do modo de aparecer do fenômeno.

²⁴ Por *Abschattung*, Sartre compreende o modelo de percepção de um objeto. Esse é um termo originado da obra husserliana e designa o modo de aparecer de um determinado objeto frente ao sujeito cognoscente.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em segundo lugar, após constatar que o fenômeno consiste naquilo que se manifesta, o ser também encontra aí sua possibilidade de desvelamento. Ora, Sartre estabelece que o aparecimento do fenômeno é, ao mesmo tempo, o aparecimento do ser como acontecimento único. Explicando de outra forma, o fenômeno não surge primeiro para que depois haja a compreensão do ser; muito pelo contrário, o vislumbre do fenômeno revela instantaneamente o ser como ele é. Portanto, o ser é a condição de todo e qualquer desvelamento e o fenômeno é indicativo de si mesmo no horizonte do ser. Em consequência direta, os dualismos, tão caros ao pensamento clássico e radicalizados na modernidade, caem por terra.

Não significa que o ser se encontre escondido atrás dos fenômenos (vimos que o fenômeno não pode mascarar o ser), nem que o fenômeno seja uma aparência que remeta a um ser distinto (*o fenômeno é enquanto aparência*, quer dizer, indica a si mesmo sobre o fundamento do ser) (SARTRE, 2012, p. 20).

Como dissemos anteriormente, o desvelamento do ser ocorre de maneira absoluta em relação ao fenômeno e, além disso, tal aparecimento se dá frente a um sujeito que conhece. No intuito de se evitar uma queda no idealismo, Sartre admite que o vislumbre do ser não se dá como conhecimento do ser; isto é, a consciência aparece como modo de ser do sujeito que conhece. Neste ponto, ao tratar da consciência, não existe um dentro que se oponha a um fora. Dizer que há consciência equivale a abrir a possibilidade para um acontecimento absoluto no qual há uma relação imediata e sem intermediários entre aquele que conhece e o mundo²⁵.

²⁵ Ao tratar da consciência, em seu viés fenomenológico, Sartre pretende combater tanto o idealismo quanto o realismo. Ao observarmos, por exemplo, a epistemologia de David Hume, notamos que as percepções são armazenadas no intelecto, ao modelo de uma caixa que é utilizada para guardar coisas. Ora, para esse filósofo, representante do realismo, “tudo que entra na mente é na *realidade* uma percepção, é impossível que alguma coisa pareça diferente em sua sensação” (HUME, 2009, p. 223). Por seu turno, o idealismo busca apresentar o ser como abstração indeterminada, possível apenas em nível de idealidade. Nesse contexto Hegel salienta que “a idealidade não é algo que haja fora e ao lado da realidade, mas o conceito da idealidade consiste expressamente em ser a *verdade* da realidade, isto é, que a realidade, posta como é em si, mostra-se ela mesma como idealidade” (HEGEL, 1995, p. 194). Portanto, a consciência fenomenológica, que é o modelo mais límpido de contato com o mundo, não se aproveita daquilo que o realismo propõe e, muito menos, se deixa absorver pelo idealismo. Sartre, é enfático ao se posicionar contra tais tendências; ou seja, “contra a filosofia digestiva do empiriocriticismo, do neokantismo, contra todo ‘psicologismo’, Husserl não cansa de afirmar que não se pode dissolver as coisas na consciência” (SARTRE, 2005, p. 55).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Encontro algo bem diferente se me volto para a experiência interna, isto é, se reflito contemplando minha própria consciência: já não tenho aquela unidade, aquele ser estável capaz de ser experimentado em muitas percepções como individualmente idêntico. Ao contrário, estou diante de um fluxo, uma consciência (isto é, uma intenção) dando lugar a outra sucessivamente. De onde Sartre conclui que o ser da consciência se reduz ao aparecer (MOUTINHO, 1995, p. 45).

Até o presente momento, nossa investigação possibilitou conhecer a proposta de Sartre referente ao fenômeno e seu modo de aparecer. Dizemos, nesse ponto, que a manifestação do fenômeno implica, necessariamente, a instantânea manifestação do ser. Em seguida, deixamos claro que o ato de desvelamento do ser ocorre em função da consciência como acontecimento absoluto. Agora, nos encontramos em total possibilidade de levantar o seguinte questionamento: qual é esta modalidade de ser que se manifesta à consciência?

A resposta não se acha escondida em meio a embaraçosos raciocínios, visto que a consciência intenciona aquilo a qual ela, por princípio, se diferencia. Explicando de uma forma diferente, a visada da consciência busca um ser que seja pleno e que não encontre condições de possibilidade de colocar em questão seu próprio ser, ou seja, o mundo e os objetos que o povoam. Assim, “o ser transfenomenal do que existe para a consciência é, em si mesmo, *em si*” (SARTRE, 2012, p. 35).

O ser do fenômeno, conforme Sartre explica, simplesmente é. Com isso, podemos compreendê-lo como não sendo causa de si mesmo e, em igual medida, está no mundo ao modo de ser de uma unidade plena. Ser-Em-si é estar fechado, uma total positividade. Logo, características como temporalidade, atividade ou passividade, possibilidade ou impossibilidade não pertencem a esse modo de ser que, por definição, é o que é.

Em busca da liberdade

Uma vez analisados os conceitos de ser e consciência, nos encontramos em terreno favorável para verificar sob quais aspectos podemos enxergar o surgimento da liberdade e, assim, garantir seu caráter absoluto e integrante à constituição ontológica humana. Nesse contexto, Sartre nos chama a atenção para o risco de se tentar separar os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

termos de uma relação e, em seguida, se esforçar para reuni-los novamente. Com isso, o filósofo pretende apontar que a análise referente ao modo ser da realidade humana não pode ocorrer separadamente; em outras palavras, conceber consciência e fenômeno como dois polos separados é arriscar-se numa abstração que se assemelha, por exemplo, ao esforço de pensar a cor apartada do objeto.

O caminho visualizado por Sartre consiste em avaliar a ontologia humana como ser-no-mundo e, por conseguinte, evitar as abstrações de isolamento. Em meio a isso, a meta aqui proposta diz respeito a conceber fenômeno, ser e consciência como modos de existência únicos e que também se desvelam sob um fundo unívoco. Portanto, diante de um viés sintético, “não vamos nos limitar ao estudo de uma só conduta. Ao contrário, tentaremos descobrir várias e penetrar, de conduta em conduta, no sentido profundo da relação ‘homem-mundo’” (SARTRE, 2012, p. 44)²⁶.

Em continuidade com nosso intento de descobrir o caminho para alcançar a liberdade, precisamos, tal como Sartre fez, nos apoiar na atitude interrogativa que, por sua vez, nos colocará diante do nada e de seu poder nadificador. Ora, o filósofo francês se vale da interrogação como uma porta de entrada que viabiliza o encontro com o não ser, visto que pressupõe a possibilidade de uma resposta negativa. Em meio a isso, ocorre a junção de um não ser presente no homem que interroga e outro não ser oriundo de uma resposta negativa.

Para o investigador existe, portanto, a possibilidade permanente e objetiva de uma resposta negativa. Com relação a isso, aquele que interroga, pelo fato mesmo de interrogar, fica em estado de não determinação: *não* sabe se a resposta será afirmativa ou negativa. Assim, a interrogação é uma ponte lançada entre dois não seres: o não ser do saber, no homem, e a possibilidade de não ser, no transcendente. Por fim, a pergunta encerra a existência de uma verdade. Pela própria pergunta o investigador afirma esperar resposta objetiva, como se lhe fosse dito: “É assim e não de outro modo” (SARTRE, 2012, p. 45).

²⁶ O ponto de partida que levou Sartre a compreender a necessidade de considerar o ser-no-mundo origina-se da filosofia existencial de Heidegger. De fato, tal proposta suprime a possibilidade de se conceber a realidade humana como simplesmente agregada ao mundo ou o mundo como imagem inserida frente à percepção, ao modo de ser do psicologismo clássico e já criticado, anteriormente, pelo próprio Husserl. Heidegger nos lembra o seguinte: “Esta privilegiada referência de mundo ao próprio ente é sustentada e conduzida por uma postura livremente escolhida da existência humana” (HEIDEGGER, 2008, p. 114).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A realidade bruta, definida como Em-si, não é capaz de fazer surgir a negação; ou seja, o ato nadificador surge através da espera humana fundamentada no próprio ato de interrogar. O mundo pode revelar o não ser apenas tendo em vista um modo de ser que sustente tal possibilidade de negação. Diante disso, o problema se afigura de forma bastante clara e evidente: a negação que invade o ser só é viável perante uma conduta humana, denominada por Sartre de uma conduta do Para-si. Em suma, “esse Nada intramundano não pode ser produzido pelo ser-Em-si: a noção de Ser como plena positividade não contém o Nada como uma de suas estruturas” (SARTRE, 2012, p. 64).

No entanto, a nadificação não pode ser considerada como qualidade do juízo. Isso se dá porque o ato de negar diz respeito a uma conduta. Os juízos só são possíveis porque, num dado momento, se estabelece uma relação, à nível ontológico, de negação. Diante disso, características como, por exemplo, destruição e desaparecimento apenas existem nos limites de uma espera humana. Levando-se em conta tudo quanto fora mencionado, “o Nada é algo como uma secreção do homem possibilitada pela consciência” (BORNHEIM, 2011, p. 44).

Na verdade, o advento do Nada por meio da realidade humana nos coloca diante de outro problema; isto é, se o surgimento da nadificação ocorre nos limites de uma espera humana, o que é o homem em seu ser que possibilite tal ato nadificador? A resposta a esse questionamento não se encontra obscurecida. Por isso, Sartre consegue enxergar o ser do homem como liberdade; em outros termos, é o ser-livre a condição de toda nadificação.

A liberdade é seu próprio nada. A facticidade do homem consiste em ser ele que anula sua facticidade. É por meio da liberdade que podemos *imaginar*, isto é, anular e tematizar ao mesmo tempo os objetos do mundo. É por meio da liberdade que podemos estabelecer, a cada instante, um recuo com relação à nossa essência, que perde a força e fica suspensa no Nada, ineficaz; a liberdade estabelece uma solução de continuidade, ela é ruptura de contato. Ela é fundamento da transcendência porque pode, além do que é, projetar *o que ainda não é* (SARTRE, 1983, p. 130)²⁷.

²⁷ Há espaço aqui para uma ressalva de grande valia: como ficou claro no trecho que acabamos de destacar, Sartre faz menção ao termo *essência*, contudo, não se trata da essência humana pensada ao modo clássico, como uma unidade que se esconde por detrás da aparência. Esse modelo noumênico, que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Finalmente, constatado o processo de nadificação como característica intrinsecamente humana e fundado na liberdade, desponta a angústia como modo de apreensão próprio do ser-livre. Em termos bem objetivos, podemos caracterizar o ato de angustiar-se como o Para-si tomando consciência de sua própria liberdade. Apesar disso, a angústia não se mantém perene porque surge somente quando, pelo posicionamento da consciência, há o reconhecimento de que minhas possibilidades são possibilidades em aberto. Assim, em relação ao que acabamos de enfatizar, “angústia é reconhecimento de uma possibilidade como *minha possibilidade*, ou seja, constitui-se quando a consciência se vê cortada de sua essência pelo Nada ou separada do futuro por sua própria liberdade” (SARTRE, 2012, p. 80)²⁸.

Conclusão

O presente texto, tal como se configura, se nos apresenta como uma vereda que possibilita vislumbrar a interconexão presente em meio aos escritos de Sartre. Com isso, evidencia-se que tópicos, tidos como periféricos, tais como apontamentos científicos, podem se reagrupar e constituir as bases para uma ontologia da existência. Diante de tal consideração, partimos do problema que envolve o fenômeno e, conseqüentemente, nos deparamos com seu modo unívoco de aparecer. Por sua vez, tal univocidade evoca a ontogênese do ser em sua forma bruta, o Em-si como modalidade representativa da realidade e carente de consciência.

Em segundo lugar, apoiando-se na menção que Sartre realiza acerca de dois filósofos da ciência, Pierre Duhem e Henri Poincaré, conseguimos lançar um pouco de clareza sobre um assunto que, até então, aparecia como um fator meramente de exemplificação. Dizendo de outra forma, as descrições científicas, no âmbito do

ressuscita a concepção de natureza humana, foi superado pela intencionalidade da consciência husserliana e que, por sua vez, foi apropriada na filosofia sartriana. Com o advento do Para-si e suas estruturas, todo conceito de qualidade ou natureza fica suprimido e suspenso no modo de ser da realidade humana que, por sua vez, fundamenta-se na liberdade.

²⁸ Como vimos, Sartre aponta que o surgimento do Nada se alicerça na própria liberdade como sua condição de possibilidade. De forma contrária, Heidegger nos mostra que o Nada é o fator diferencial que situa o aparecimento da liberdade. Assim, “sem a manifestabilidade originária do nada, não há nenhum ser-si-mesmo e nenhuma liberdade” (HEIDEGGER, 2008, p. 125).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aparecimento do fenômeno, são de suma importância para percebermos que a ontologia fenomenológica de Sartre, fundante de um existencialismo pleno, faz com que a realização do homem como ser-no-mundo, se aproprie de todos os campos aos quais estende sua consciência.

Após isso, em face do monismo do fenômeno, eis que surge o Nada como símbolo de todo processo de nadificação que envolve o mundo. Ora, o ato nadificador pode originar-se tão somente de um ser que, por si mesmo, não seja a plena positividade. Utilizando termos mais claros, o processo de nadificação encontra sua origem através do homem e, por assim dizer, invade a plenitude do ser causando-lhe uma espécie de hemorragia. De fato, essa ruptura ontológica na estrutura do ser encontra sua condição de possibilidade na liberdade, única característica da qual o homem está condenado. Por fim, como decorrência imediata do ser-livre, desponta a angústia como tomada de consciência desse modo de ser irremediável.

Referências

BORNHEIM, G. **Sartre: metafísica e existencialismo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUHEM, P. **Ensaio de filosofia da ciência**. Tradução: Fábio Rodrigo Leite. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia, 2019.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédias das ciências filosóficas em compêndio**. Tradução: Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.

HEIDEGGER, M. O que é metafísica? In: **Marcas do caminho**. Tradução: Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 113-133.

HUME, D. **Tratado da natureza humana**. 2. ed. Tradução: Débora Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. Tradução: Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MACH, E. **The Science of mechanics**. New York: Cambridge University Press, 2013.

MOUTINHO, L. D. S. **Sartre, existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

NIETZSCHE, F. **A filosofia na era trágica dos gregos**. Tradução: Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

POINCARÉ. H. **A ciência e a hipótese**. 2. ed. Tradução: Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

POINCARÉ. H. **O valor da ciência**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

SARTRE, J. P. **Diário de uma guerra estranha**. Tradução: Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. 21. ed. Tradução: Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2012.

SARTRE, J. P. **Situações I**. Tradução: Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Recebido em: 11/02/2022

Aprovado em: 04/07/2022

Publicado em: 08/08/2022